

Fernando Urribarri*

O pensamento clínico de Madeleine Baranger: Historicização e transformação do campo analítico contemporâneo

* Asociación Psicoanalítica Argentina.



Minha visão do pensamento de Madé Baranger é marcada por mais de dez anos compartilhados no Espaço André Green da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA) –um grupo de estudo e investigação sobre a obra do autor de *A loucura privada*–, que dirigi desde a sua fundação, no ano 2000, quando contei com o próprio André como conselheiro.

Para minha surpresa, Madé –que com 80 anos já era uma lenda– foi à primeira reunião. Um pouco antes de começar, comentou que havia organizado seus horários para frequentar as reuniões. Eu lhe propus que fosse codiretora do espaço. Com sorriso maroto, respondeu que só queria desfrutar de pensar com outros em um âmbito horizontal. Insisti, recordando-lhe que Willy Baranger (1922-1994) e ela foram os que convidaram Green pela primeira vez à nossa instituição –e ao

nosso país- nos anos 70, o que propiciou um “retorno a Freud” pluralista, como parte fundamental da reforma organizacional e científica que protagonizaram na APA. Inventamos então o título de *Alma Mater*, que foi como aparecemos em cada informação das atividades do espaço, iniciando uma frutífera relação de amizade e trabalho marcada pela sua generosidade notável.

Historicizar: Madé no seu campo

Vou propor uma leitura histórica e conceitual da obra de Madé – tanto aquela em coautoria com Willy quanto a que foi assinada exclusivamente por ela – que ilumine seu status de figura pioneira e autora-chave da psicanálise contemporânea sul-americana.

O *contemporâneo* em psicanálise não é um mero adjetivo, sinônimo de *atual*. É uma categoria para definir, na evolução da nossa disciplina, uma nova etapa, um movimento particular e um modelo teórico-clínico específico. Martín Bergman (1999) e eu mesmo (Urribarri, 2001) temos assinalado que é possível convencionar como data do fim da “era das escolas” (Mezan, 2016) e da emergência de um modelo contemporâneo, o Congresso Internacional de Londres de 1975, particularmente no debate sobre as permanências e as mudanças na psicanálise, que opôs Leo Rangel e Anna Freud a André Green. Na sua já clássica conferência de Londres, “O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico”, presente em *A loucura privada*, Green (1975/1990a) propõe a distinção, na evolução histórica da teoria e da prática analítica, de três grandes etapas às quais correspondem três modelos.

O primeiro é o modelo freudiano: a teoria se centraliza no conflito intrapsíquico entre a pulsão e as defesas; a clínica situa os neuróticos como os casos paradigmáticos e a técnica está enfocada na transferência com base no par associação livre/atenção flutuante. Depois, no que seria o desenvolvimento de aspectos novos, surgem os modelos pós-freudianos: o foco da teoria se move ao papel do objeto e do outro –em algumas latitudes elucidado como relações de objeto e, em outras, a partir da tópica intersubjetiva, na constituição do sujeito do desejo; a psicose constitui a nova estrutura de referência e, conseqüentemente, na técnica acentua-se o papel do objeto, e introduzem-se as noções de contratransferência e de desejo do analista.

E, finalmente, o modelo contemporâneo, que constrói uma “nova síntese” (Kuhn, 1962/1967) metapsicológica que articula o intrapsíquico e o intersubjetivo com base em uma teoria ampliada da representação, enquanto processo heterogêneo de criação ou destruição do sentido; na clínica, os casos limite são os novos pacientes paradigmáticos, e na técnica são introduzidas as noções de enquadre –externo e interno– e de campo dinâmico, sendo ambos parte de um modelo terciário, que “enquadra” a transferência e a contratransferência na situação analítica, fazendo dos processos terciários do analista o núcleo do seu pensamento clínico. Nesse movimento, inscrevem-se Madé e Willy Baranger, cujas obras contribuíram para o processo coletivo de construção de um paradigma contemporâneo, que introduziu uma visão original da situação analítica como campo dinâmico, da qual deriva uma renovação da técnica e da teoria da clínica.

Uma psicanalista argentina chamada Madeleine

Há um consenso internacional sobre a originalidade e a importância da conceitualização do campo analítico feita pelos Baranger nos artigos reunidos no seu livro seminal *Problemas del campo psicoanalítico* (1969c). Essa obra pertence à melhor tradição do movimento psicanalítico argentino e do Rio da Prata, onde se formaram e produziram seus desenvolvimentos. Numerosas leituras recentes ignoram esse pujante contexto e enxertam suas originais reflexões em alguma variação do pós-kleinismo, ao ignorar a inovação dessas ideias em relação ao modelo kleiniano e desconhecer sua evolução freudiana pluralista.

E. Roudinesco (2019) indicou que um dos méritos dos fundadores da APA, em 1942, foi que, “em vez de reproduzir as hierarquias das sociedades europeias e norte-americanas, onde domina a relação mestre/discípulo, os pioneiros argentinos criam uma República de iguais” (p. 76). Seu sucesso foi devido também à criação de uma inédita matriz analítica heterodoxa: freudiana¹, pluralista², ampliada³ e comprometida⁴.

Os Baranger continuam e renovam essa matriz. Por um lado, na introdução do seu livro defendem o pluralismo e reconhecem como seus mestres Freud, Klein e Lacan; por outro, inscrevem-se na corrente argentina que investiga a técnica analítica, em que destacam as contribuições de H. Racker sobre a contratransferência, de Álvarez de Toledo – a analista de Madé – sobre a linguagem na sessão analítica e, especialmente, de Pichon-Rivière – analista de Willy e professor de ambos – sobre a relação estrutural entre psicologia individual e psicologia social, sobre o vínculo (nas dimensões intra, inter e transsubjetivas), sobre a técnica de trabalho com grupos e sobre a abordagem da sessão analítica como unidade ou objeto de estudo, bem como sobre a compreensão do processo analítico como “espiral dialética”. Também reconhecem a importância do diálogo intergeracional com analistas que trabalham temas afins, como L. Grinberg, D. García Reynoso e J. Bleger, cujo artigo “Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico” (1969) compõe, ao lado de “El campo analítico como situación dinámica”, dos Baranger (W. Baranger e M. Baranger, 1969a), um díptico historicamente inovador.

Com o advento de uma segunda onda de analistas, o discurso kleiniano se tornou hegemônico na APA em meados dos anos 50. Nossos autores se formaram nesse contexto e suas investigações o questionam inicialmente “a partir de dentro”, buscando fazê-lo avançar e superar suas limitações. Sem intenção polemica, mas com espírito heterodoxo, eles se veem levados a criticar – e, finalmente, a romper com – o modelo kleiniano e superar a compreensão da situação e do processo

1. Representado por Ángel Garma, formado no Instituto de Berlim nos anos 20, analisando de Theodor Reik – o analista profano defendido por Freud em seu clássico artigo – e que manteve uma correspondência com Freud sobre a teoria do sonho.

2. Em seu primeiro número, de 1943, a *Revista de Psicoanálisis* publicou artigos de analistas norte-americanos e ingleses, bem como sobre mitologia latino-americana.

3. O tratamento de crianças e adolescentes (Aberastury), de psicóticos (Pichon-Rivière) e de pacientes psicossomáticos (Garma, Rascovsky) eram extensões ou variações do método ortodoxo.

4. Comprometida com a difusão do discurso psicanalítico na cultura, em seu posicionamento no campo social, ao desenvolver uma singular modalidade de assumir a relação analítica dentro e fora do consultório. Por exemplo, em 1956 A. Rascovsky e A. Garma organizam um congresso ibero-americano de psicossomática que revoluciona o ambiente médico e, por sua vez, Pichon-Rivière milita na contracorrente do poder asilar no hospital psiquiátrico, dando a palavra aos “loucos” e criando dispositivos grupais.

analítico à interação do par transferência/contratransferência, associada aos mecanismos de identificação projetiva e contra-identificação projetiva.

O campo dinâmico, uma estrutura terciária

Os Baranger concebem o campo analítico como uma criação que surge da relação singular de cada paciente com o seu analista. O campo é mais do que a soma das suas partes, da adição da transferência e da contratransferência, é uma totalidade estruturada que determina ambas e também as relações possíveis entre elas. Sua estrutura terciária é produto de três estruturas combinadas: a do enquadre (contrato e regra fundamental), a do discurso associativo e dialógico, e a da fantasia inconsciente de casal como emergente da relação.

A estrutura dinâmica do campo é constituída pela “fantasia do campo” ou “fantasia do casal analítico”, co-construída inconscientemente pelo paciente e pelo analista. A fantasia do campo é uma fantasia do casal analítico em dois sentidos: é, primeiro, produto desse casal, e, depois, se refere ao casal. Ainda que a situação material seja de duas pessoas, “se introduz desde o início o terceiro presente-ausente, reproduzindo assim o triângulo edípico ‘nodular das neuroses’. [...] Em todo caso, o triângulo é a situação central a partir da qual as demais são estruturadas”⁵ (p. 102).

A conceitualização da posição do analista é levada para além da metáfora freudiana do uso do seu inconsciente para captar o do paciente, e para além também da versão kleiniana da contratransferência como recepção das projeções do analisante. Aqui se defende que o analista participa com o seu corpo, com a sua história e com o seu inconsciente na criação da fantasia de campo, em seu roteiro e distribuição de papéis, e mais ainda: que essa participação não é um simples erro, um desvio da sua função, mas sim que é tão estruturalmente inevitável como necessária à sua função analítica.

Os bloqueios do processo são explicados pela rigidez repetitiva da fantasia do campo, que se torna um “baluarte” resistencial que fixa paciente e analista em determinados papéis imaginários. O baluarte – em sua formulação inicial de 1961 – é atribuído ao interjogo do mecanismo de identificação projetiva, e o avanço do processo analítico depende do reconhecimento, análise e dissolução de tal baluarte. Essa abordagem requer a implementação de um “segundo olhar” – ou “olhar de segundo grau” –, em que o analista enfoca os conflitos do campo, que o incluem, e não só a problemática do analisante. Às contribuições técnicas freudianas e pós-freudianas da análise da transferência do paciente e da decodificação da contratransferência do analista, respectivamente, soma-se essa terceira dimensão da dissolução do baluarte, em que o casal analítico está envolvido.

A assimetria formal e funcional entre paciente e analista continua vigente, mas se aprofunda a elucidação do papel do inconsciente – tanto passivo como ativo – que o analista cumpre no processo. A tarefa do analista é se deixar envolver na fantasmática do paciente para depois ajudá-lo a sair da sua trama inconsciente repetitiva.

O *insight* analítico específico é o processo de compreensão conjunta por analista e analisando de um aspecto inconsciente do campo, que permite superar o aspecto patológico atual deste e resgatar as respectivas partes envolvidas. (W. Baranger e M. Baranger, 1969b, p. 126)

A função do analista é se deixar envolver – parcialmente, controlando sua regressão – em um processo patológico específico do campo [...], mas também tentar se resgatar e resgatar o analisado à medida que ambos se encontram envolvidos em um mesmo drama. O duplo resgate não pode acontecer senão por conta da interpretação. O treinamento do analista se destina essencialmente a permitir-lhe deixar-se envolver na patologia do campo e a lhe proporcionar os instrumentos para elaborá-los. (p. 132)

Várias mudanças significativas acontecem: o critério de analisabilidade deixa de se basear no diagnóstico do paciente e passa a se definir pela possibilidade (ou não) de estabelecer uma relação analítica para um analisante concreto com um analista concreto.

Quanto à temporalidade, a situação analítica deixa de ser vista como essencialmente regressiva – Madé faz uma crítica rigorosa da confusão entre a regressão própria do adoecer e a regressão própria da transferência, condensadas na doxa kleiniana segundo a qual “a análise é um processo regressivo” (Baranger, 1960, p. 149) – e aprofunda as ideias de Pichon-Rivière, que concebem o tratamento como um “processo em espiral”, expressão de uma dialética entre passado, presente e futuro que define a história (e a historicidade inerente) da análise. Para recuperar uma temporalidade aberta e superar o presentismo do *aqui-agora-comigo* que define a interpretação kleiniana da transferência – cuja versão mecânica se torna uma espécie de tradução simultânea –, propõe-se sua articulação com o *em outros lugares/em outros tempos/com outros*.

Também a situação analítica é compreendida como situação experimental (um *como se*) em que o analista é uma pessoa real, mas – mediante transferência – pode representar diversos personagens. Seu estatuto intermediário torna-se *via regia* de acesso a uma abordagem interpretativa e não invasiva das fantasias transferenciais. A fantasia do campo é “transacional”, se situa em – e articula – o “entre”: entre realidade psíquica e realidade social, entre a subjetividade do analisante e a do analista na intersecção onde se enlaça a relação analítica, entre fantasma transferencial e fantasias contratransferenciais.

Essa dimensão intermediária modifica a concepção do *insight* – enquanto transformacional: “O que se vê de fora nessa situação experimental, reintrojetado, se transforma em ‘visão’ interna no *insight*” (W. Baranger e M. Baranger, 1969b, p. 137). Cabe pensar que, no contexto da evolução da técnica – desde o foco na transferência como fenômeno intrapsíquico até o campo intersubjetivo –, a noção de fantasia do campo cumpre um papel equivalente à noção de neurose de transferência – enquanto formação artificial, por cuja mediação é possível a desconstrução da neurose pessoal.

Outra contribuição significativa realizada por Madé (Baranger, 1956) afirma que a fantasia do campo se funda, em nível inconsciente, por conta da convergência das “fantasias de doença e de cura” (p. 49) do paciente e do analista; ambos têm desejos e temores sobre o tratamento analítico. Essa fantasia relacional inicial, constitutiva, sustenta todas as variações e reconfigurações próprias do processo e constitui a matriz das “fantasias de casal”, chave do novo critério de analisabilidade. A concepção da fantasia de campo se inspira parcialmente na ideia de W. Bion sobre os supostos básicos grupais, fantasias que organizam a distribuição de papéis no funcionamento dos grupos. Por outro lado, em diversas comunicações – pú-

5. Esta e as próximas citações de W. e M. Baranger têm tradução livre.

blicas e privadas –, Madé comentou que a ideia da fantasia de casal surgiu da sua experiência com pacientes psicóticos no hospital psiquiátrico Viladerbó de Montevideu, cidade em que morou dez anos.

Na história da técnica analítica, o progresso é geralmente o resultado da descoberta de um obstáculo que, dialeticamente, é elucidado e transformado em uma nova ferramenta, e assim aconteceu inicialmente com a transferência, depois com a contratransferência a agora com a noção de campo analítico. Desse modo, nossos autores contribuem para a constituição de um pensamento clínico terciário, baseado em um modelo triádico transferência/contratransferência/situação analítica. O campo como objeto da análise é um objeto terceiro, e a fantasia do campo, situada no espaço “entre” ambos, uma dimensão espacial e temporal, “transacional”, terceira.

Um pluralismo freudiano instituinte

As consequências dessa conceitualização são vastas no plano teórico e técnico, e Madé e Willy procuram desenvolvê-las em suas investigações futuras. Ao fazê-lo, evoluem ao aprofundar sua distância com o modelo kleiniano, em geral, e com o discurso dogmático que domina a APA, em particular, sem por isso deixar de se interessar pela obra de M. Klein. Intelectualmente, reforçam sua identidade freudiana e praticam um “retorno a Freud” que valoriza Lacan sem fechar-se em seu discurso. Assim surgem convergências e intercâmbios frutíferos com seus congêneres, os pós-lacanianos franceses⁶, freudianos antidogmáticos que se formaram com o autor dos *Escritos*, mas que rompem com ele durante os anos 60, quando se torna chefe de uma Escola que faz da sua palavra discurso oficial.

Institucionalmente, os Baranger impulsionam e protagonizam na APA uma reforma freudiana pluralista que recupera e atualiza o espírito aberto e heterodoxo dos pioneiros. Junto a Jorge Mom e com o apoio dos pioneiros – como A. Garma e A. Rascovsky –, nossos autores realizam uma reforma que democratiza o funcionamento da instituição⁷: substituem o funcionamento de casta dos didatas, categoria à qual só se tinha acesso por cooptação, por um acesso mediante um sistema de créditos; instauram também a possibilidade de que qualquer membro possa oferecer seminários de formação (que eram monopólio dos didatas) e modificam a forma de cursar o instituto, permitindo a livre escolha dos seminários e um currículo flexível.

Correlativamente, renovam o espírito freudiano heterodoxo original, restabelecem o pluralismo científico e propiciam uma abertura intelectual renovadora. Um dos seus eixos – institucionais e autorais – é a construção de uma ponte com a psicanálise francesa, em pleno “retorno a Freud”. Os Baranger participam da visita a Buenos Aires de Octave e Maud Mannonni em 1971, e se encarregam de organizar na APA as primeiras visitas à América Latina de S. Leclair, em 1973 e 1974, e dos pós-lacanianos A. Green – 1975, 1977 – e P. Aulagnier – 1983, 1986. Esse empreendimento cumpre um papel histórico na recepção da obra de Lacan e dos pós-lacanianos na Argentina, e constituiu uma via de entrada freudiana pluralista diferente

da via lacaniana representada por O. Massotta. Willy e Madé mantêm com aqueles três autores franceses intercâmbios pessoais que vão influenciar decisivamente suas obras. Todos compartilham uma matriz contemporânea pluralista composta por certos eixos básicos que se relacionam e que se tensionam: o pensamento de Freud como fundamento, as contribuições dos grandes autores pós-freudianos e a investigação dos limites da analisabilidade. Para evitar a Babel dos idioletos, o vocabulário freudiano é restabelecido como *lingua franca*.

Um efeito daqueles anos 70 é a revisão e a reconceitualização de aspectos fundamentais da teoria do campo: já não é definido como interpessoal, senão como intersubjetivo – “dois sujeitos, cada um com a sua clivagem estrutural” (Baranger, 1979/1994, p. 99):

Pudemos falar do campo como transferencial/contratransferencial, o que não é totalmente inexato. No entanto, preferimos a denominação “campo intersubjetivo”. Porque a intersubjetividade precede e determina todo o jogo da transferência e da contratransferência. (p. 101)

A incorporação da noção de sujeito do inconsciente (Lacan), como chave de releitura de Freud, leva a desconstruir o modelo teórico implícito kleiniano, ao descartar o papel central que se atribuía aos mecanismos de identificação projetiva – e da contraidentificação projetiva – na constituição do campo e especialmente do baluarte. Tomam de Lacan a diferenciação fundamental entre transferências imaginárias e transferências simbólicas para afirmar que a posição do analista no enquadre, por regra fundamental, corresponde ao registro simbólico, do “sujeito suposto saber”. De Freud, adotam a dimensão repetitiva, desejante e pulsional, e conservam de Klein a ideia da identificação projetiva, que sua autora atribui à posição esquizoparanoide, mas a realocam no enquadre da teoria freudiana contemporânea do narcisismo.

Também será aprofundada a crítica ao modelo genético do processo, com sua visão evolutiva linear – definida como “processo natural” por D. Meltzer (1967/1976) –, em prol de uma temporalidade complexa, definida pelo *après-coup*. O “processo em espiral” já não admite a bússola da posição depressiva para definir a direção da análise. O trabalho de historicização é concebido como sendo parte de um processo que, por sua vez, tem sua própria história. Introduzem a noção técnica de “história da análise”: uma trama intermediária (entre a novela neurótica e a pré-história infantil reprimida), cuja construção oferece uma via de elucidação do passado traumático, complementar à clássica reconstrução freudiana das experiências pré-verbais.

Em “Proceso y no proceso en el trabajo analítico” (W. Baranger, M. Baranger e Mom, 1982), os Baranger descrevem o processo analítico como uma dialética de alternância entre momentos de processo e de não-processo. A meu ver, introduzem um matiz fundamental ao deixar entrever que o processo não é necessariamente definido pela alternância de constituição e desconstrução dos bastiões, mas sim que esse é o caso ilustrativo – por sua amplitude e centralidade – do papel de uma fantasia de campo que determina a colisão inconsciente entre paciente e analista. Mas, junto a essa modalidade, de certo modo extrema, existem variações de grau e de centralidade das fantasias – e produções inconscientes – do campo, o que legitima um modo de pensar clinicamente o campo analítico, de maneira mais heterogênea e dinâmica.

6. Sobre o movimento pós-laciano francês e argentino, ver Urribarri (2001).

7. Descontentes com aquelas reformas, um grupo kleiniano ortodoxo, liderado por Grinberg, Liberman e Etchegoyen, saiu da APA e fundará a APDeBA.

Além disso, assim como em “Corrientes actuales en el pensamiento psicoanalítico de América Latina” (W. Baranger, M. Baranger e Mom, 1984), marcam suas diferenças com o dogmatismo lacaniano e com as posturas teóricas e técnicas de Lacan. No texto de 1982, criticaram a derivação metafísica da teoria do real como “impossível”, seu deslizamento a uma teologia negativa (Deus é o impossível de dizer, o inominável). Nesse texto de 1984, escrevem que, quanto à interpretação analítica, a contribuição de Lacan é duplamente limitada: restrita à dimensão intrapsíquica do paciente, desconhecendo o campo e a necessidade de um “segundo olhar”, e estreita, em sua concepção da intervenção como exclusivamente disruptiva, desligadora e desconcertante.

É recomendável –concluem– que transitemos por esquemas múltiplos fazendo, sem ecletismo confusional, nossa própria colheita de vários deles; a clínica é mais variada que nossos esquemas e não nos regateia a oportunidade de inventar. (W. Baranger, M. Baranger e Mom, 1982, p. 549)

Nas fronteiras do campo analítico contemporâneo

“El trauma psíquico infantil, de nosotros a Freud” (W. Baranger, M. Baranger e Mom, 1987) é um extraordinário exemplo de pensamento contemporâneo: *lemos Freud* a posteriori. Em contraste com as mitologias pós-freudianas do verdadeiro herdeiro de Freud, os pensadores contemporâneos reconhecem a distância histórica, ao mesmo tempo inevitável e fecunda, com a obra do mestre. Nesse trabalho, ela é abordada a partir da preocupação clínica atual com o traumático, ao demonstrar a riqueza contraditória e divergente das teorizações freudianas e assumir a necessidade de realizar escolhas pessoais e justificá-las, bem como a de relacioná-las com outras visões relevantes. Constatamos a evolução que vai do interesse pela primeira ideia de historicização (do Lacan dos anos 50) ao interesse pelos desenvolvimentos pós-lacanianos de Piera Aulagnier como parte da elaboração de uma visão pessoal, em que se destaca a ideia de “história da análise”.

Os Baranger sustentam que Freud tem razão ao afirmar que toda neurose é traumática. Desenvolvem essa ideia ao garantir que as psiconeuroses são traumas com história. E que, portanto, as neuroses atuais são traumas que não foram historicizados ou, mais precisamente, são “buracos não historicizados”. O *atual* de tais neuroses seria um muro impenetrável que, no sujeito, se opõe à historicização de setores-chave de sua existência. Trata-se do que nele fica de presente e inassimilável do trauma puro. A neurose atual tem em comum com o trauma puro a falta de sentido, o sujeito do trauma puro é um sujeito sem história.

Essa abordagem do traumático permite um tratamento original da diferença – e da relação – entre estruturas neuróticas e não neuróticas. Estas últimas são pensadas revisando as neuroses atuais, redefinindo o atual em relação com o traumático enquanto limite à simbolização historicizante. A análise – propõem – se instaura contra o trauma puro. Poderia se definir como “historicização (*Nachtraglichkeit*) versus pulsão de morte”. *Nachtraglichkeit* é a tentativa de construir o trauma dentro de uma historicização, fazê-lo compreensível e transformá-lo.

Vou finalizar com o importantíssimo artigo de Madé “La mente del analista: De la escucha a la interpretación” (1992) – conferência pronunciada no congres-

so internacional de Amsterdã de 1993 –, com o esboço de suas ideias principais, em que se destaca uma perspectiva contemporânea pessoal. A mente do analista trabalha para que a interpretação possa atuar como agente de transformação, partindo de um contexto atual situado entre duas histórias, a que o paciente trouxe e a que vai sendo construída no processo. As interpretações podem ter como objetivo três fins: algumas buscam a integração de um aspecto clivado, outras procuram fazer surgir e desligar um sistema representacional ilusório fechado e, por último, podem se dirigir a proporcionar palavras para expressar afetos nunca falados e nomear vivências nunca antes “apalavradas”.

Madé – inspirada por P. Aulagnier – destaca a função do trabalho psíquico do analista que prioriza o potencial de figurabilidade da interpretação para que suas palavras possam evocar no paciente representações de coisa e afetos próprios. Indica que, em cada análise, vão se estabelecendo palavras-chave que têm um poder de evocação compartilhado e que compõem um singular léxico comum do tratamento. O analista conta com seu conhecimento da história do paciente como pano de fundo, mas trabalha sobretudo com a história da relação analítica.

O processo se rege pelo desejo do analista e pela memória dos seus (do processo) momentos. “A ausência na maioria dos trabalhos analíticos do conceito de ‘memória do processo’ nos parece muito inquietante” (p. 35), escreve, em alusão a analistas como A. Ferro ou T. Ogden, que conservam um esquema temporal evolutivo e uma técnica do *aqui-agora-comigo*. A coincidência nesses temas com os desenvolvimentos de A. Green é surpreendente: encontramos na escrita do parisiense um desenvolvimento próprio, simultaneamente, das mesmas noções de “história da análise” e “memória do processo” em “La capacidad de rêverie y el mito etiológico”, de 1987.

O fértil diálogo pessoal e intertextual com Green é determinante no modo com que Madé (Baranger, 2001) revisa e considera sua obra, inscrevendo-a no projeto de investigação contemporânea, centrado nos limites da analisabilidade (segundo a define Green em 1975). Ela escreve:

Os *casos-limite* (nos limites do analisável) passaram a ser os pacientes de referência da prática e da teoria analítica atuais. [...] Esse descentramento na concepção do trabalho analítico foi o que levou ao estudo do campo analítico. (p. 13)

Madé retoma, à sua maneira, a ideia greeniana dos processos terciários no pensamento clínico do analista, que

têm que ser colocados à disposição do paciente limite, em um trabalho de superfície para criar um pré-consciente e propender a uma narcisização prévia do seu Eu que lhe permita depois estabelecer uma relação com objetos. (p. 13)

Nesse trabalho, nos limites do analisável,

o analista não desvela algo inconsciente, senão que constrói um sentido que não existia antes da relação analítica, um sentido ausente, como fazendo a inscrição de uma experiência que não pôde acontecer na infância. (p. 14)

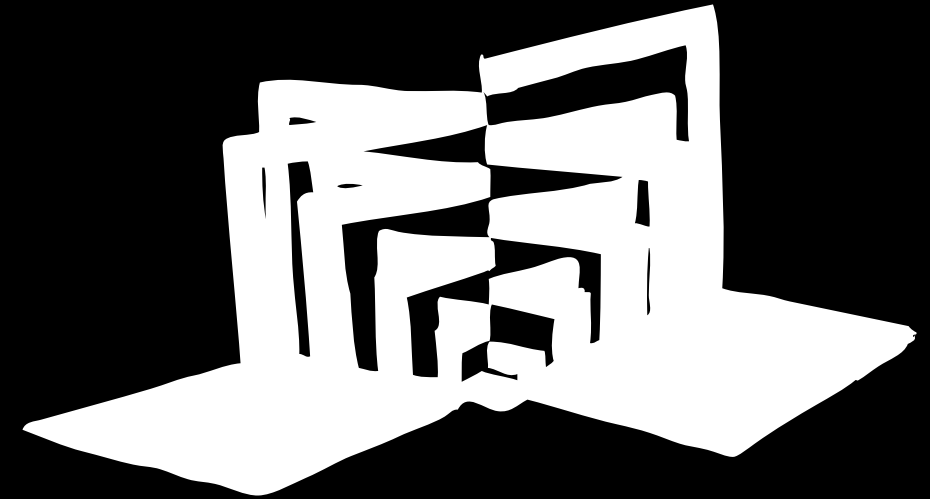
Nesse processo o campo intersubjetivo, com sua potencialidade de emergentes inéditos, ganha uma nova significação teórica e técnica.

Concluo com uma citação daquilo que Madé diz do porvir da psicanálise ao inscrevê-lo no projeto de extensão do seu território:

O progresso da teoria e da técnica analíticas deve se situar na fronteira da psicanálise, nas dificuldades que parecem insuperáveis para levar mais adiante o processo analítico (resistências pertinazes, *impasses*, reação terapêutica negativa etc.). Essa fronteira não está delineada com precisão, consiste em uma terra de ninguém aberta tanto a progressos eventuais como a fracassos catastróficos. Trata-se de uma área de risco em que reina o *unheimlich*, onde o analista não pode avançar sem angústia. (p. 15)

Referências

- Agamben, G. (2004). *Estado de excepción*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo.
- Baranger, M. (1956). Fantasía de enfermedad y desarrollo del insight en el análisis de un niño. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 2,143-182.
- Baranger, M. (1960). Regresión y temporalidad en el tratamiento analítico. *Revista de Psicoanálisis*, 26(2), 265-299.
- Baranger, M. (1992). La mente del analista: De la escucha a la interpretación. *Revista de Psicoanálisis*, 49, 223-236.
- Baranger, M. (2001). Fundamentos de la técnica psicoanalítica actual. *Zona Erógena*, 48.
- Baranger, W. (1994). Proceso en espiral y campo dinámico. Em W. Baranger, *Artesanías psicoanalíticas*. Buenos Aires: Kargieman. (Trabalho original publicado em 1979).
- Baranger, W. e Baranger, M. (1969a). El campo analítico como situación dinámica. Em W. Baranger e M. Baranger, *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Baranger, W. e Baranger, M. (1969b). El insight en la situación analítica. Em W. Baranger e M. Baranger, *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Baranger, W. e Baranger, M. (1969c). *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Baranger, W., Baranger, M. e Mom, J. (1982). Proceso y no proceso en el trabajo analítico. *Revista de Psicoanálisis*, 39(4), 527-549.
- Baranger, W., Baranger, M. e Mom, J. (1984). Corrientes actuales en el pensamiento psicoanalítico de América Latina. *Revista de Psicoanálisis*, 4.
- Baranger, W., Baranger, M. e Mom, J. (1987). El trauma psíquico infantil, de nosotros a Freud: Trauma puro, retroactividad y reconstrucción. *Revista de Psicoanálisis*, 44(4), 745-774.
- Bergman, M. (1999). The dynamics of the history of psychoanalysis: Anna Freud, Leo Rangell and André Green. Em G. Kohon (ed.), *The dead mother*. Londres: Routledge.
- Green, A. (1990a). El analista, la simbolización y la ausencia en el encuadre analítico. Em A. Green, *Locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Green, A. (1990b). La capacidad de reverie y el mito etiológico. Em A. Green, *Locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987).
- Green, A. e Urribarri, F. (2016). *Del pensamiento clínico al paradigma contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Grinberg, L., García Reynoso, D. e Bleger, J. (1969). Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico. Em J. Bleger, *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós.
- Jameson, F. (1989). *Posmodernismo*. Buenos Aires: La Marca.
- Kuhn, T. (1967). *La estructura de las revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1962).
- Meltzer, D. (1976). El proceso psicoanalítico. Buenos Aires: Horme. (Trabalho original publicado em 1967).
- Mezan, R. (2016). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (2019). *Diccionario amoroso del psicoanálisis*. Barcelona: Debate.
- Urribarri, F. (2001). El poslacanismo: El psicoanálisis argentino contemporáneo. *Zona Erógena*, 49, 3-5.
- Urribarri, F. (2007). Las tres concepciones de la contra-transferencia y el trabajo psíquico del analista. Em A. Green (comp.), *Resonance on suffering: Countertransference with non-neurotic structures*. Londres: Routledge.
- Urribarri, F. (2018). ¿Cómo ser un psicoanalista contemporáneo? Em F. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (vol. 1). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.



Textual